



## LEMBRANÇAS DA ALFABETIZAÇÃO - as escritas de si como potencialidades na formação docente

*Josélia Gomes Neves<sup>1</sup>*

*Eixo temático: 7. Alfabetização e formação inicial e continuada de professores*

**Resumo:** O trabalho docente em cursos de formação de professores e professoras pode ser desenvolvido a partir da valorização das experiências dos próprios discentes. A esse respeito é que propomos o escrito em tela, cuja finalidade é apresentar um relato de experiência educativa resultante da análise de memoriais a respeito da história de alfabetização de um grupo de estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Rondônia, Campus de Ji-Paraná. A metodologia adotada levou em conta a pesquisa (auto)biográfica desenvolvida através de relato da situação vivenciada pela docente, autora deste trabalho em dialogia com a pesquisa bibliográfica. Os dados analisados neste texto foram recortados de quatro relatos que discutem aproximações com a concepção construtivista de alfabetização. Os resultados apontam para um conjunto de elementos envolvendo biografias e aprendizagens de sujeitos que aprenderam a ler e escrever nas décadas de 1980 e 1990. Concluímos que o processo de alfabetização neste tempo foi caracterizado pela introdução do construtivismo nas salas de aula, considerando a articulação entre os saberes escolares e as práticas sociais. As atividades eram materializadas por meio do estudo do nome próprio relacionado ao uso do alfabeto, leitura em voz alta e literatura infantil, situações propícias para que as crianças compreendessem aspectos importantes do funcionamento do sistema de escrita.

**Palavras-chaves:** Memórias escolares; Alfabetização; Escritas de si; Formação docente;

### Introdução

O desenvolvimento de atividades a partir dos relatos autobiográficos dos próprios estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Rondônia, Campus de Ji-Paraná, constituiu uma das rotinas pedagógicas que estabelecemos durante o período de julho de 2004 a julho de 2017. Sempre que a disciplina “Fundamentos e Práticas de Alfabetização” era ofertada, solicitávamos uma produção escrita individual de texto a respeito da História de Alfabetização de cada estudante.

---

<sup>1</sup>Doutora em Educação Escolar pela UNESP- Campus de Araraquara. Professora e pesquisadora da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Contato: [joselia.neves@pq.cnpq.br](mailto:joselia.neves@pq.cnpq.br)

A mobilização para a realização deste tipo de trabalho em minha trajetória docente, possivelmente teve origem nas leituras de obras autobiográficas de Freire (2003), Ribeiro (1997), Ramos (1994), dentre outras. O contato com esta literatura, tem possibilitado múltiplos sentimentos – rir, chorar, lembrar, aprender, desconstruir, por exemplo. Deste modo, evidencia aspectos de nossa natureza narrativa, ao ponto de que: “[...]. Tomando-se distância do momento de sua produção, é possível, ao ‘ouvir’ a si mesmo ou ao ‘ler’ seu escrito, que o produtor da narrativa seja capaz, inclusive, de ir teorizando a própria experiência”. (CUNHA, 1997, p. 188).

A finalidade da atividade era conhecer as narrativas de alfabetização dos (as) estudantes e assim estabelecer relações com a História da Alfabetização/História da Educação no Brasil com vistas à contextualização da discussão. A nosso ver, essa articulação constitui uma das possibilidades da pesquisa (auto)biográfica, na medida em que promove: “[...] o encontro de múltiplas possibilidades onde o eu pessoal dialoga com o eu social [...]” (NEVES, 2010, p. 124). Além disso, representava uma forma de valorização das escritas pessoais, bem como de incentivo ao exercício de escrever na perspectiva da redação acadêmica com a articulação entre a descrição e a análise, recursos necessários à construção da competência escritora

Na oportunidade, era apresentado um roteiro para a orientação das escritas em que constava a necessidade de informação sobre o tempo e o espaço/local das aprendizagens da leitura e da escrita. Além disso, era solicitado o nome do professor ou professora, nome da escola, a idade do ingresso no saber formal, dados sobre a forma de trabalho docente, o material didático utilizado e a avaliação sobre esta experiência.

Estas reflexões disponibilizaram os elementos necessários para a elaboração do presente texto, cuja finalidade é relatar uma experiência educativa desenvolvida em um curso de graduação em Rondônia, um dos estados da Amazônia brasileira. Foi sistematizado a partir de memoriais escolares sobre a história de alfabetização de estudantes da Pedagogia, possibilitado pela pesquisa (auto)biográfica (CUNHA, 1997) em interface com a pesquisa bibliográfica.

A estrutura do presente escrito está organizada em dois tópicos: o primeiro apresenta uma breve discussão sobre a concepção de alfabetização construtivista, enquanto proposição formativa que busca compreender e atuar no processo de aquisição da linguagem escrita, tendo como base teórica as contribuições de Emília Ferreiro. A segunda parte, trata do relato de experiência, ocasião em que analisa a relação entre fragmentos biográficos e as reflexões sobre o ler e o escrever por meio de lembranças escolares referentes à história de alfabetização de estudantes do curso de Pedagogia.

## 1. Concepção de Alfabetização Construtivista

A concepção construtivista de alfabetização diz respeito a uma forma outra de compreender e atuar no processo de aquisição da linguagem escrita. Estes estudos foram conhecidos no Brasil a partir dos anos oitenta por meio das publicações de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999; 2001). Dentre outros elementos, questionavam de forma contundente as atividades mecânicas veiculadas pelas cartilhas ancoradas em textos artificiais, na maioria das situações muito distantes das realidades infantis. Eram ações comumente realizadas nas salas de alfabetização, desconsideravam as indagações iniciais das crianças acerca deste objeto social.

Na perspectiva construtivista, as crianças são tratadas como sujeitos epistêmicos, isso é como elaboradoras de conhecimento. Significa que não aprendem apenas em situações intencionais provocadas por outros, mas, desde cedo, observam e participam de eventos sociais, interagem o tempo todo com outras crianças e adultos. Estas movimentações cognitivas possibilitam um contexto de descobertas, aprendizagens e sistematizações. E em relação à escrita, isso não é diferente:

Se pensarmos que a criança aprende só quando é submetida a um ensino sistemático, e que a sua ignorância está garantida até que receba tal tipo de ensino, nada poderemos enxergar. Mas se pensarmos que as crianças são seres que ignoram que devem pedir permissão para começar a aprender, talvez comecemos a aceitar que podem saber, embora não tenha sido dada a elas a autorização institucional para tanto. (FERREIRO, 2001, p. 17).

Assim, o protagonismo infantil constitui um dos elementos importantes no processo de aprendizagem da leitura e da escrita na visão construtivista, uma vez que busca: “[...] encontrar e descrever as regularidades nas produções do sujeito que aprende [...]” (LANDSMANN, 2003, p. 17) em dialogia com a ação de professores e professoras. Nesta direção, o trabalho docente também passou por uma ressignificação, em que concepção e atuação precisam ser explicitadas.

O que se espera, neste contexto são intervenções educativas que dialoguem com os conhecimentos infantis no âmbito da atividade alfabetizadora. A esse respeito, o texto “As ideias, concepções e teorias que sustentam a prática de qualquer professor, mesmo quando ele não tem consciência delas”, da professora Telma Weisz, disponibiliza importantes elementos sobre as correspondências entre o pensar e o fazer na sala de aula: “Quando analisamos a prática pedagógica de qualquer professor vemos que, por trás de suas ações, há sempre um conjunto de ideias que as orienta. Mesmo quando ele não tem consciência dessas ideias, [...] elas estão presentes. [...]”. (WEISZ, 2000, p. 55).

Significa afirmar que o conhecimento docente sobre as práticas iniciais de leitura pode desencadear ações de valorização do comportamento leitor mesmo quando as crianças ainda não leem convencionalmente, por meio do acesso a livros de literatura infantil. Possivelmente, o trabalho pedagógico neste contexto, ancora-se no entendimento que é “[...] é ouvindo histórias que se pode sentir... e enxergar com os olhos do imaginário... abrir as portas à compreensão do mundo”. (ABRAMOVICH, 1995, p. 17).

Estas leituras realizadas em voz alta, constituem potentes recursos de impulsionamento da imaginação infantil, na medida em que possibilitam a escuta pedagógica de textos que informam elementos referentes a determinados gêneros textuais, como por exemplo, “Era uma vez”, que no âmbito geral disponibilizam dados sobre o funcionamento da escrita.

Em outras situações didáticas, o nome das crianças relacionado ao trabalho com o alfabeto, também representa uma oportunidade de reflexão deste processo, pois: “[...] o nome próprio como modelo de escrita, como a primeira forma escrita dotada de estabilidade, como protótipo de toda escrita posterior, em muitos casos, cumpre uma atenção muito especial na psicogênese [...]”. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 221). Isso é possível porque é uma palavra estável e rica de sentidos para as crianças considerando, sobretudo a vinculação com a identidade pessoal.

Deste modo, o ensino, a aprendizagem e a língua escrita no processo de alfabetização constituem elementos em permanente articulação nos estudos de Emilia Ferreiro e colaboradoras. Nesta direção, a etapa de aquisição da linguagem representa um momento favorável a elaborações construtivas entre os saberes infantis e as práticas sociais reais envolvendo a leitura e a escrita. Esta trajetória exige uma sólida formação docente no campo da psicogênese da língua escrita, pois é preciso que o professor ou professora compreenda como a criança aprende a ler e escrever no contexto da cultura escrita.

## **2. Entre biografias e aprendizagens**

As lembranças de determinadas situações vividas em um contexto de reflexão sistemática, pode representar importantes possibilidades de formação (ABRAHÃO, 2011). O acolhimento de escritas de si, além de significar um modo de valorização das narrativas pessoais, favorece a construção de análises a respeito de um modo de vida específico em um espaço/tempo circunscrito.

Estas premissas mobilizaram a escrita em tela cujo objetivo é apresentar um relato a respeito de uma experiência educativa desenvolvida na graduação, possibilitado pela

avaliação de memoriais escolares sobre a história de alfabetização de estudantes através da pesquisa (auto)biográfica em dialogia com a pesquisa bibliográfica.

Particularmente para este texto, utilizamos fragmentos de relatos obtidos junto a uma turma de Pedagogia de 2014 que refletem o ingresso na alfabetização com fortes aproximações com a concepção construtivista de alfabetização. É caracterizada dentre outros aspectos, pela relação entre o saber escolar e às atividades de escritas utilizadas nas práticas sociais: “Recordo com prazer o início da minha descoberta do mundo das letras, quando comecei a olhar para [...] placa na rua, ou mesmo para o meu nome em uma folha de papel e tudo fazer sentido”. (Narrativa 1).

O relato se aproxima da concepção construtivista de alfabetização, pois além de articular o conteúdo escolar aos saberes sociais, nesta visão pedagógica, as crianças em seus processos interativos produzem importantes descobertas, dentre outras, que “[...] a escrita é um objeto interessante que merece ser conhecido (como tantos outros objetos da realidade aos quais dedicam seus melhores esforços intelectuais)”. (FERREIRO, 2007, p. 25).

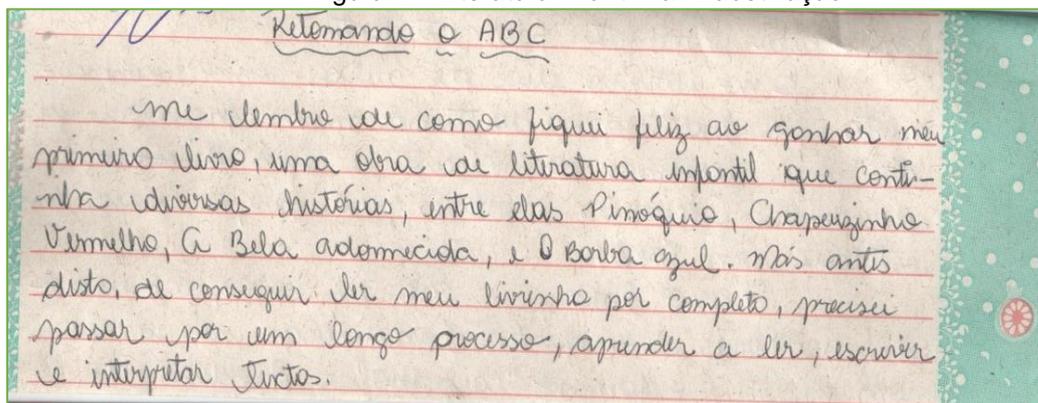
Assim, os estudos construtivistas evidenciam que a relação entre os saberes escolares e os saberes sociais, pode ser propiciada a partir de múltiplas situações de aprendizagem, como por exemplo, por meio do estudo dos nomes das crianças articulado ao alfabeto, conforme aponta o relato que segue: “Iniciamos nossa aula com uma apresentação, se me recordo bem era para dizer o nome e uma brincadeira que gostava, depois [...] iniciamos o processo de construção dos nomes com alfabetos móveis [...]”. (Narrativa 2).

A estratégia de desenvolver o trabalho com as crianças na alfabetização tomando como referência inicial os nomes da turma, como unidade temática, representa um meio de pensar o funcionamento da escrita porque exige conhecer cada letra que compõe a palavra em foco, além da quantidade existente na referida palavra. Além disso, “[...] saber escrever o próprio nome é um valioso conhecimento que fornece às crianças um repertório básico de letras que lhes servirá de fonte de informação para produzir outras escritas”. (BRASIL, 1998, p. 147). Uma situação que demanda ações coordenadas com o alfabeto fixo – aquele disponibilizado na parede da sala de aula e no caderno escolar desde o início do período letivo, assim como as letras “soltas”, também conhecidas como alfabeto móvel, pois: “Conhecer todas as letras do alfabeto e seus respectivos nomes é fundamental para a alfabetização. Não é possível falar sobre algo cujo nome se desconhece [...]”. (BRASIL, 1999, p. 75).

Outro tema visibilizado pelas narrativas resultante da produção de escritas de si sobre a experiência na alfabetização, foi a formação leitora. O relato de um dos estudantes do curso de Pedagogia, apresentado na sequência aponta para o sentimento de alegria ao tomar contato com obras clássicas da literatura infantil, por meio de livros como Pinóquio,

Chapeuzinho e outros, o que nos leva a pensar que: “Talvez o desejo pela letra contida no livro venha a nascer, primeiramente, da voz de quem lê um livro infantil” (BRENMAN, 2003, p. 123).

Figura 1 – Literatura Infantil na Alfabetização

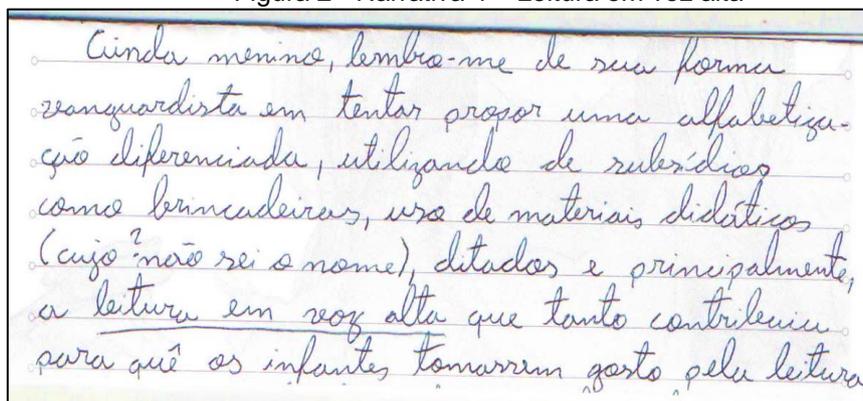


Fonte: Dados do estudo.

Este registro contribui para a compreensão de que o período de aquisição da língua escrita é o momento de construção de sentidos para o ato de ler, na medida em que esta prática escolar pode contribuir para: “Suscitar a necessidade de ler, ajudando-o a descobrir as diversas utilidades de leitura em situações que promovam sua aprendizagem significativa”. (SOLÉ, 1998, p. 114). Outras contribuições teóricas (FOUCAMBERT, 1994; SMITH, 1999) sustentam que aprendemos a ler, lendo por meio de ações diretas de convívio com diversificados tipos de textos veiculados às práticas sociais de seu entorno.

Selecionamos ainda um relato reflexivo sobre a docência alfabetizadora e a leitura compartilhada, ação que evidenciou um aspecto que possivelmente pode ter ampliado o entendimento infantil sobre as funções sociais da escrita. Estamos nos referindo ao ato de ler em voz alta, um gesto que “[...] pode interferir positivamente na apropriação da escrita em função de suas especificidades, [...] seu caráter performático e presencial [...]”. (PASTORELLO, 2010, p. 132).

Figura 2 - Narrativa 4 – Leitura em voz alta



Fonte: Dados do estudo

Outro elemento percebido neste relato foi o registro sobre o uso de brinquedos e brincadeiras na sala de aula, ocasião que a docente propunha a realização de escritas por meio de ditados. A nosso ver, uma forma de acolhimento da infância, etapa de vida em que o brincar assume uma importância vital para o desenvolvimento infantil, pois é neste período que: “[...] as crianças têm a oportunidade de interagir com os colegas, de desenvolver a criatividade, de se expressar, de simular situações do cotidiano e ressignificar papéis sociais, de regular emoções, de seguir regras, [...] de experimentar o mundo [...]”. (MANSANI, 2022, p. 2). Significa, neste contexto uma possível negociação com os interesses infantis.

Como as experiências narradas pelos estudantes ocorreram nas décadas de oitenta e noventa, época de grande divulgação dos estudos de Emília Ferreira (2010), inferimos que estes registros disponibilizam dados de uma possível transição de proposições educacionais - momento de passagem da concepção empirista ou tradicional de alfabetização para a concepção construtivista.

### **3. Considerações Finais**

O estudo a partir das lembranças escolares na formação docente pode representar um conjunto de possibilidades educativas, além de significar uma forma de valorização das experiências dos sujeitos em formação. Estas premissas mobilizaram a escrita do presente texto que teve o objetivo de relatar uma experiência educativa obtida por meio de análise de memoriais sobre a história de alfabetização de um grupo de estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Rondônia, Campus de Ji-Paraná.

Concordamos com a perspectiva de Cunha (1997) que o trabalho pedagógico na formação docente a partir das narrativas autobiográficas possibilita a articulação da pesquisa e do ensino. Além de visibilizar as trajetórias pessoais e escolares dos (as) estudantes, contribui para a produção de significados no âmbito da História da Educação. Nesta direção, não se limita apenas a uma sucessão de eventos, mas passa a ser uma narrativa compreensível com potencial analítico.

Os relatos disponibilizaram interessantes elementos envolvendo biografias e aprendizagens dos estudantes que aprenderam a ler e escrever nas décadas de oitenta e noventa, época de grande disseminação da proposta construtivista. Uma temporalidade que marcou uma virada epistêmica na educação. Anunciam que o processo de alfabetização na época, envolveu um conjunto de atividades desenvolvidas através do nome próprio, do uso do alfabeto móvel, da leitura em voz alta e de veiculação de obras da literatura infantil,

proposições relevantes para as crianças compreenderem o funcionamento do sistema de escrita.

## Referências

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memoriais de formação: a (re)significação das imagens lembranças/recordações-referências para a pedagoga em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 165-172, maio/ago. 2011.
- ABRAMOVICH, Fanny. (Org.). **Meu Professor Inesquecível**. 3 ed. São Paulo: Gente, 1997.
- BRASIL. **Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, v. 3**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. **Alfabetização**. Secretaria de Educação Fundamental. MEC: Brasília, 1999.
- BRENMAN, Ilan. **Através da vidraça da escola**: uma reflexão sobre a importância da leitura em voz alta de obras literárias na Educação. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo: São Paulo, 2003.
- CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Rev. Fac. Educ.** São Paulo, v. 23, n. 1-2, p. 185-195, jan./dec., 1997.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Artmed Editora. Porto Alegre. 1999.
- FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 2007.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**: reflexões sobre minha vida e minha práxis. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2003.
- LANDSMANN, Liliana Tolchinsky. **Aprendizagem da linguagem escrita**: processos evolutivos e implicações didáticas. São Paulo: Ática, 2003.
- MANSANI, Mara. Sugestões de brincadeiras para usar na alfabetização. **Revista Nova Escola**. 14 de junho, 2022.
- NEVES, Josélia Gomes. Cultura escrita e narrativa autobiográfica: implicações na formação docente. In: CAMARGO, M. R. R. M., (org.). **Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação** [online]. São Paulo: UNESP; Cultura Acadêmica, 2010.
- PASTORELLO, Lucila Maria. **Leitura em voz alta e apropriação da linguagem escrita pela criança**. 150f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2010.

RAMOS, Graciliano. **Infância**. 29. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1994.

RIBEIRO, Darcy . **Confissões**. São Paulo: Ed. Cia. das Letras, 1997.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SMITH, Frank. **Leitura significativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

WEISZ, Telma. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2000.